

## O Barão de Teive: O estoico que não o era

The Baron of Teive: The stoic who was not

Alexandre Dias Pinto

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

**Resumo:** O Barão de Teive, “heterônimo” de Fernando Pessoa, deixa à posteridade um conjunto de textos subordinados ao título *A Educação do Estoico*, onde dá conta de como procurou conduzir a sua vida de acordo com os princípios do estoicismo. No presente ensaio, identificarei a presença de aspectos desta corrente filosófica no pensamento de Teive. Por outro lado, defenderei também que o testemunho que o autor nos dá das suas reflexões existenciais e da sua conduta atestam que este não conseguiu cumprir o modo de viver prescrito pela escola estoica, tendo o seu projeto de vida acabado por soçobrar.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; Barão de Teive; *A Educação do Estoico*; Estoicismo

**Abstract:** The Baron de Teive, “heteronym” of Fernando Pessoa, leaves to posterity a set of texts under the title *The Education of the Stoic*, where he tells us how he tried to lead his life in accordance with the principles of Stoicism. In this essay, I will identify the presence of aspects of this philosophical school in Teive’s thought. I will also argue that the testimony of his existential reflections and of his actions attests that he was unable to fulfill the way of living prescribed by the Stoic school and that his life project ended up sinking.

**Keywords:** Fernando Pessoa; The Baron of Teive; *The Education of the Stoic*; Stoicism

## Introdução

Álvaro Coelho de Athayde, décimo quarto Barão de Teive, autor literário criado por Fernando Pessoa, deixa à humanidade a “obra” fragmentária *A Educação do Estoico*, quando se suicida. No caderno de Pessoa em que se encontra a maior parte das peças textuais atribuídas a este heterônimo, o título era seguido pelo subtítulo “O único manuscrito do Barão de Teive”.<sup>1</sup> O enunciador do texto, que se assume como o próprio (pretendo) autor, ou seja, Álvaro Coelho de Athayde, refere, em mais de um fragmento, que queimou todos os seus outros escritos, apenas poupando às chamadas

<sup>1</sup> No topo de um dos fragmentos, encontramos a nota “A Profissão do Improdutor (*title*)”, o que leva Richard Zenith (2018, p. 67) a observar: “Parece ser um título contemplado por Pessoa para toda a obra de Teive, e não apenas para este trecho.”

*A Educação do Estoico*. Segundo escreve, esta purga visava selecionar para a posteridade a obra que funcionaria como epítome das suas reflexões.<sup>2</sup>

No presente ensaio, pretendo, centralmente, analisar, em *A Educação do Estoico*, não só a presença dos princípios do estoicismo no pensamento do Barão de Teive, mas também, e sobretudo, o modo como esta figura literária afirma ter conduzido a sua existência, assumindo que se regeu pelos ditames desta doutrina. É, portanto, meu propósito saber se, de fato, este heterônimo pessoano cumpriu o seu projeto de vida estoico, anunciado no título da sua obra, ou se dele se afastou. Discuto aqui esta questão, tendo em conta que não a vi tratada, de modo sistemático, nos vários estudos publicados sobre a obra de Teive, que, infelizmente, não são muitos.<sup>3</sup> Começo o meu exame de *A Educação do Estoico*, refletindo sobre a aproximação destes escritos a outras obras do estoicismo clássico, sobretudo a *Meditações*, do imperador romano Marco Aurélio, dando conta das semelhanças genológicas e temáticas entre os dois textos.

## Gênero e influências de *A Educação do Estoico*

O texto de *A Educação do Estoico* constitui um desafio aos que o pretendem classificar genologicamente e deslindar nele uma estrutura. As peças textuais desta obra fragmentária, que podem ser constituídas por um breve parágrafo de uma frase ou por um conjunto de parágrafos (regra geral, menos de cinco), são trechos redigidos num caderno que chegou até aos nossos dias e em folhas avulsas com texto manuscrito ou datilografado (ver Pessoa, 2007). Os próprios editores dos escritos de Teive reconheceram a complexidade da estrutura desta obra nas edições que prepararam, e seguiram diferentes critérios para a levar à letra impressa. Richard Zenith optou por ordenar os fragmentos, aproximando “trechos de temáticas comuns sem desrespeitar a integridade de cada um deles” (Zenith, 2018, p. 14). Por seu lado, Jerónimo Pizarro declara que a sua edição “procura um grande compromisso entre a materialidade e o sentido” (Pizarro, 2007, p. 11), no modo como dispõe as peças transcritas dos manuscritos e dos datiloscritos.

Em *A Educação do Estoico*, Teive discorre – de um modo deliberadamente desordenado ou aparentemente despreocupado – sobre a sua vida interior e sobre a sua relação com o mundo e com os outros. Trecho após trecho, dá-nos conta das suas angústias existenciais, do modo como entende o amor, a virtude, o mal ou a morte, mas também da renúncia e da arte de viver, entre outras questões que o atormentam. O próprio Teive nos esclarece sobre o conteúdo dos textos que escreve: “Estas páginas não são a minha confissão, senão a minha definição.” (Pessoa, 2018, p. 20).

<sup>2</sup> “Nos dois dias passados ocupei o meu tempo em queimar, um a um – e tardou dois dias, porque às vezes reli – os meus manuscritos todos, as notas para os meus pensamentos defuntos, os apontamentos, às vezes trechos já completos, para as obras que nunca escreveria. // Fiz sem hesitar, porém com mágoa lenta, esse sacrifício, pelo qual me quis despedir, como num queimar de ponte, da margem da vida de que me vou afastar. Estou liberto e decidido. Matar-me; vou agora matar-me. Mas quero deixar, ao menos, com a precisão com que puder fazê-la, *uma memória intelectual da minha vida*, um quadro interior do que fui. Desejo, já que não pude deixar de mim uma sucessão de belas mentiras, *deixar o pouco de verdade que a mentira de tudo nos concede supor que podemos dizer. Será este o meu único manuscrito.*” (Pessoa, 2018, p. 19-20, grifo meu) Nas transcrições do texto de *A Educação do Estoico*, sigo a edição de Richard Zenith, de 2018, que afina e completa não só a sua edição inicial da obra, de 1999, como também a edição de Pizarro, de 2007.

<sup>3</sup> Os textos ensaísticos que consultei para chegar a esta conclusão foram os seguintes: Moisés (2011), Freitas (2014), Martins (2017), Medeiros e Silva Júnior (2019), Quadros (2021), Rubim (2021), e Zenith (2018 e 2021).

Nos seus ensaios sobre *A Educação do Estoico*, Patrícia Soares Martins (2017) e Gustavo Rubim (2021) encontram afinidades entre a obra de Teive e as *Cartas a Lucílio*, do filósofo estoico Sêneca, epístolas que continham reflexões sobre questões como a morte, a virtude, a atitude perante a vida, entre outras. Não descurando a pertinência da aproximação das duas obras, creio que mais relevante é associar *A Educação do Estoico* às *Meditações*, de Marco Aurélio, pelas afinidades genológicas, de estrutura e do modo de composição. Certo é que existe uma relação temática entre os textos de Sêneca, de Marco Aurélio e de Teive, relação que decorre, primeiramente, da abordagem estoica dos assuntos que são alvo de reflexão. Por outro lado, as obras de Marco Aurélio e de Teive aproximam-se estruturalmente, por serem, ambas, concatenações de registos fragmentários autônomos, escritos sem a preocupação de manter uma relação sequencial ou lógica entre si. (Além disso, *A Educação do Estoico* também não se apresenta como um conjunto de epístolas dirigidas a um destinatário específico, como sucede com *Cartas a Lucílio*, de Sêneca.) Do mesmo modo que, alegadamente, o imperador romano desfiava, ao fim do dia, as suas meditações sobre a arte de viver e as ia escrevendo avulsamente, Teive redigiria as suas reflexões uma após outra, ainda que mais espaçadamente no tempo – segundo Zenith (2018, p. 20), as poucas dezenas de trechos de *A Educação do Estoico* terão sido escritas por Pessoa entre 1928 e 1932.

De fato, tanto as meditações de Marco Aurélio como as de Teive têm marcas do gênero textual de um “diário íntimo”, não datado, sendo os apontamentos do imperador romano registrados com mais regularidade, e podendo reivindicar mais facilmente a pertença a este gênero. O próprio Teive faz referência a *Journal Intime*, de Henri-Frédéric Amiel, ainda que não estabeleça qualquer relação entre esta obra e a sua: “Amiel deixa, ao menos, um diário íntimo. [Eu] não deixei, pois, coisa alguma” (Pessoa, 2018, p. 42).<sup>4</sup> Ainda que haja referências a episódios da vida do Barão de Teive nos seus textos – como a perda da mãe, o duelo que travou e a operação em que lhe amputaram uma perna –, são as suas ideias, as suas emoções e os seus estados de alma que Pessoa registra em *A Educação do Estoico*. É certo que a brevidade destes escritos e o fato de desconhecermos a regularidade com que as entradas foram compostas desafiam a classificação de diário íntimo – mas outras características deste gênero marcam presença no texto.

Na verdade, *A Educação do Estoico* assume-se como a tanatografia<sup>5</sup> de alguém que se prepara para morrer, e que anota no papel os sintomas dos males que o minam. Ainda que Teive enjeite esta categorização, este conjunto de textos acaba por se revelar um testamento íntimo que lega à humanidade, tendo em conta que se trata da análise de um percurso de vida de alguém que se prepara para a morte, e que está permanentemente consciente da ideia de fim. De algum modo, o texto de Teive é uma fundamentação das razões do seu suicídio, que, como defenderei, creio não ser um suicídio nos moldes em que alguns estoicos o preconizaram. O título da obra não pretende anunciar um livro de autoajuda, nem propõe o caminho que um indivíduo deve seguir se pretender viver segundo os princípios do estoicismo. A “*Educação*” é antes uma alusão ao percurso de alguém que se preparou e se “educou” para abraçar o modo de vida estoico... mas que, como argumentarei, não foi bem sucedido no projeto em que embarcou.

<sup>4</sup> Recordo que Bernardo Soares também menciona Amiel e o seu diário íntimo, como se sentisse uma necessidade de filiar o seu *Livro do Desassossego* numa tradição literária. Um estudo comparativo entre o *Livro do Desassossego* e *A Educação do Estoico* poderia revelar-se bem produtivo. Aliás, o próprio Pessoa pretendeu encontrar “semelhanças” entre a produção literária de Soares e a de Teive – ver Zenith, 2018, p. 9-10.

<sup>5</sup> Ver Medeiros e Silva Júnior, 2019.

Um último apontamento sobre questões genológicas: pelas razões indicadas, é também possível filiar o texto de Teive na linhagem literária dos exercícios espirituais, tradição em que se inscrevem as *Meditações*, de Marco Aurélio, e o *Enchiridion*, de Epiteto. Os exercícios espirituais são textos com as reflexões privadas, enunciados na primeira pessoa, que decorrem de uma prática de autoanálise, visando o aperfeiçoamento do caráter do indivíduo.<sup>6</sup> É esse o propósito expresso nos trechos escritos pelo Barão de Teive. Mas a afinidade genológica faz-se também pelo caráter fragmentário (por vezes aforístico) das reflexões, pela autonomia das diferentes entradas e pelo tom confessional adotado.

## Pessoa e o estoicismo

Pela relação que estabeleci anteriormente entre o texto de Teive, o pensamento estoico e a tradição literária a este associada (penso na questão dos gêneros textuais), concluímos que Fernando Pessoa se familiarizou com a filosofia do estoicismo no seu percurso de formação. A prova mais viva reside no fato de outros heterônimos pessoanos serem também devedores das ideias desta corrente de pensamento de origem clássica.

Não é possível sabermos com precisão em que períodos da sua formação Fernando Pessoa leu obras dos filósofos estoicos ou ensaios sobre as ideias destes pensadores. Nos seus estudos na Durban High School, terá consolidado os seus conhecimentos de cultura clássica;<sup>7</sup> mas certo é que terá continuado a ler, por iniciativa pessoal, obras dos (e sobre os) filósofos da Antiguidade Greco-Latina. Em carta a José Osório de Oliveira, escrita em 1932, afirma: “No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses [...]” (Pessoa, 1980, p. 189). Por outro lado, nos livros da biblioteca particular do poeta, que hoje estão na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, encontramos obras sobre Filosofia Antiga e obras de literatura latina, como tragédias do estoico Séneca e poesias do epicurista Horácio. Importante para a minha argumentação é o fato de dois exemplares de traduções inglesas das *Meditações*, de Marco Aurélio, fazerem parte da biblioteca particular de Pessoa. Mais revelador ainda é o facto de certas passagens do “Livro I”, da tradução de George Long estarem sublinhadas (Aurelius, 1908 [161-180 d.C.]), e não haverá argumentos que contestem que estes sublinhados tenham sido traçados pelo punho do poeta. Deste modo se atesta o conhecimento que Pessoa tinha da *opus magnum* e do pensamento do imperador romano, e ganha mais força a relação entre esta obra e os textos de Teive.

Claro está que a filosofia estoica tem maior expressão na obra de Pessoa com a produção literária de outros heterônimos, sobretudo com Ricardo Reis, mas também com Frederico Reis e António Mora, cujos textos se assumem, mais nuns casos do que noutros, devedores dos princípios desta corrente de pensamento.

<sup>6</sup> “Estes ‘exercícios espirituais’ são bons exemplos do preconceito da filosofia helenista relativamente a ética prática. Devemos ter em conta o fato de que a prática estoica de meditar conduz à formação do *eu* interior e à escrita autobiográfica (cf. Cacciatore (1995) 257). Estes escritos espirituais de origem filosófica geram um tipo de texto muito pessoal – cadernos pessoais – que, por regra, não são divulgados devido ao seu caráter pessoal e ao fato de as considerações que contêm não se poderem aplicar diretamente a outros casos.” (Mannlein-Robert, 2012, p. 372-373: tradução minha)

<sup>7</sup> Ver Zenith, 2021, p. 114-117 – paginação da edição eletrônica.



## Era o Barão de Teive um estoico?

Teive explicita nos seus escritos que pretendeu cultivar na sua vida uma conduta influenciada pela arte de viver proposta pelos estoicos. As referências aos pensadores desta corrente filosófica em *A Educação do Estoico* reduzem-se a uma única menção, pouco reveladora, a Zenão (Pessoa, 2018, p. 34). Por outro lado, os termos estoicismo ou estoico nunca são usados no texto que Teive deixou à posteridade – o segundo termo apenas figura no título da obra.<sup>8</sup> Porém, tal não impede que afirmemos que o heterônimo pessoano tenha pretendido seguir a doutrina desta corrente clássica como filosofia de vida, na medida em que as suas reflexões se articulam, ostensivamente, com os princípios da escola identificada no título deste conjunto de meditações.<sup>9</sup>

Vários são os momentos em que se torna claro que Teive reivindica a influência da doutrina estoica e se empenha em demonstrar que a pretendeu seguir na sua vida. Tomo, nesta fase da minha análise, essas afirmações como uma declaração de intenções, um desejo de encontrar um *modus vivendi* que lhe servisse para lidar com as agruras do destino. Atenhamo-nos nos principais aspectos em que Teive se funda para demonstrar ao leitor – mas, sobretudo, para se convencer – de que pauta a sua vida pelos ditames do estoicismo. Duas situações que atestam o cumprimento dos princípios estoicos seriam o momento em que recusa ser anestesiado na operação em que uma das suas pernas é amputada – para ele, este é um momento alto, em que sente que tem de pôr à prova, de modo algo insano, a sua coerência – e a decisão de se suicidar. Contudo, estes dois casos de autojustificação, só por si, não serão conclusivos para aferir se o fidalgo levou à prática os preceitos da escola de Zenão.

Bom leitor que terá sido dos autores desta corrente de pensamento, Teive sabe que o estoicismo propõe uma filosofia eminentemente prática, destinada a preparar o indivíduo para as adversidades do quotidiano – a dor, a perda, a doença, a morte, entre outras –, de modo a aceitá-las e a saber com elas viver, em lugar de as enfrentar ou de sofrer com o efeito que podem ter em si.<sup>10</sup> O fim último do estoico é conseguir impor a si próprio uma disciplina férrea que lhe traga a paz interior e serenidade no turbilhão da existência. Essa serenidade interior visava alcançar a imperturbabilidade face ao sofrimento (*apatia*)<sup>11</sup> e um estado de indiferença gerado

<sup>8</sup> Na biografia de Fernando Pessoa, Zenith entende o título como irônico, sugerindo que Teive não seria um estoico: “De fato, *A Educação do Estoico* era um título alternativo e irônico para o testamento final do barão, antes de este entrar no domínio da não existência. Tive sempre um apreço mais alto pela consciência que pelas sensações agradáveis da minha pele”. (Zenith, 2021, p. 741 – número de página da edição eletrônica; tradução minha). Como aqui defendo, a tentativa de Teive de demonstrar que foi influenciado pela escola de Zenão não confere um valor irônico ao título. A ironia resulta, como procurei demonstrar, de este heterônimo pessoano não conseguir conduzir a sua vida de acordo com os preceitos do estoicismo.

<sup>9</sup> É importante aqui fazer uma ressalva: como em qualquer sistema de pensamento, encontramos diferentes ideias e posições no modo como os vários filósofos estoicos perspetivavam o mundo, a lógica ou a ética. Mais ainda, a doutrina estoica foi recebendo contributos e influências de outras escolas, não só durante a Época Antiga, como na Idade Média e na Idade Moderna. Ainda assim, é possível definir um conjunto de princípios partilhados pelos mais relevantes pensadores desta corrente. É nesses que me fundo quando aqui caracterizo o estoicismo e afirmo o modo como terá marcado, ou não, o pensamento e a ação do Barão de Teive.

<sup>10</sup> “[O estoicismo] abordou as questões que preocupam a maioria das pessoas de formas muito diretas e práticas. Ensina como se deve encarar a morte, o sofrimento, a grande riqueza, a pobreza, o poder sobre os outros e a escravidão. No contexto político e social do período helenístico (em que um indivíduo podia oscilar entre estes extremos num espaço de tempo muito curto), o estoicismo proporcionou uma fortaleza psicológica contra a fortuna adversa.” (Baltzly, 2019; tradução minha)

<sup>11</sup> “E a doutrina da *apatheia*, que está no cerne da ética estoica, é, em todos os seus aspectos essenciais, obra de Zenão. A liberdade relativamente às paixões está, como argumentei, intimamente ligada à coerência nas nossas posições e ações; portanto, o ideal de Zenão do fluxo suave da vida e da consistência representa meramente outros modos de expressar tanto a *apatheia* como a *eupatheia* enquanto ideais para viver a vida de um animal naturalmente racional.” (Inwood, 1999: 173; tradução minha)

pela tranquilidade de espírito (*ataraxia*)<sup>12</sup>. Para ser possível chegar a esse estado de harmonia interior, era fundamental que a razão dominasse os impulsos do sentimento e das inquietações humanas. Isto porque, segundo os estoicos, o sofrimento não reside nos males no mundo, mas no modo como os encaramos e como com eles nos relacionamos – ou seja, o estoicismo propõe um modo de sabermos viver com os problemas da existência. A renúncia aos prazeres e às emoções é um caminho para cumprir este propósito. Diferentemente do epicurismo – filosofia que, na sua essência, propunha como o Homem devia buscar o prazer (sereno) e saber lidar com ele –, o estoicismo pretende ensinar o indivíduo a enfrentar as adversidades e o sofrimento. Além disso, advoga uma vida ascética, tão distante quanto o possível dos problemas que a vida comunitária pode trazer.<sup>13</sup>

Nos trechos de *A Educação do Estoico*, lemos as palavras de quem reflete sobre a sua vida e o modo como a procurou conduzir, mas também sobre as suas inquietações e sobre a decisão de pôr fim à existência pela sua própria mão. Todo o enunciado é marcado por um tom angustiado e de profundo desalento, quando se esperava um tom sóbrio e assertivo, que representasse a confiança e a determinação de um estoico. Trecho após trecho, vamo-nos apercebendo de que Teive sofre porque não consegue pôr em prática na sua vida a lei da razão que lhe permitiria alcançar a imperturbabilidade interior perante as contrariedades da existência. O discurso de Athayde é, na essência, um exercício de autopersuasão de que abraçou os princípios do estoicismo e de que os pôs em prática na sua vida. Por outro lado, nas palavras de Teive, vamos constatando que este não conseguiu tornar-se a torre sólida e firme que adversidade alguma e sentimento algum pudessem abanar. De fato, na letra do texto ou nas suas entrelinhas, o leitor vai seguindo o percurso de um indivíduo atormentado pelas emoções, pelas inquietações, pela frustração e por considerar que a sua vida não foi bem sucedida (Pessoa, 2018, p. 19) – e, nestes aspectos, Teive partilha traços que encontramos em Pessoa ortônimo, em Álvaro de Campos e em Bernardo Soares, mas também noutros heterônimos pessoanos. Em suma, o “autor” de *A Educação do Estoico* deixa passar a ideia de que não alcançou a tranquilidade que a *ataraxia* e a *apatia* lhe poderiam ter dado e confessa que se deixou afetar pelo mal do mundo (2018, p. 32) e pela ansiedade que a ideia de malogro lhe trouxe (2018, p. 32).

Certo é que Teive idealizou seguir a lição dos estoicos e trazê-la para a sua vida. O fidalgo reconhece que seria o uso consequente da razão que lhe permitiria ter a temperança para lidar com as dificuldades do quotidiano. No seu esforço de se convencer de que é um verdadeiro discípulo dos mestres do estoicismo, demonstra como se esforçou por impor a si próprio uma disciplina racional para não se deixar afetar pelas angústias que os sentimentos e os prazeres lhe podiam trazer: “temos que viver com a lei da razão ou com nenhuma lei. O prazer é para os cães; a queixa, para as mulheres” (2018, p. 48-49). Num dos fragmentos, afirma: “Nunca tive saudades e nunca tive de que [sic] as ter e fui sempre racional em meus sentimentos.” (2018,

<sup>12</sup> “Recorde-se de que os estoicos pensavam que o ponto central da vida era a virtude e o seu cultivo, enquanto os epicuristas consideravam que o objetivo era buscar o prazer moderado e, especialmente, evitar a dor. No entanto, ambas as escolas pensavam que um componente crucial da *eudaimonia* (a vida florescente) era algo muito semelhante ao que os estoicos se referiam como *apatheia* e os epicuristas como *ataraxia*. Existem, contudo, algumas diferenças entre os dois conceitos, especialmente na forma como as duas escolas ensinavam o modo de alcançar, ou pelo menos aproximar-se, dos respetivos estados de espírito. [...] O artigo do IEP sobre Epiteto define os dois termos da seguinte forma: *apatheia*: liberdade da paixão, constituinte da vida pautada pela *eudaimôn*[;] *ataraxia*: imperturbabilidade, literalmente ‘ausência de problemas’, às vezes traduzida como ‘tranquilidade’; estado de espírito que faz parte da vida *eudaimôn*. Assim, tanto a *apatheia* como a *ataraxia* são componentes da vida *eudaimônica* e, efetivamente, embora o segundo termo seja geralmente associado aos epicuristas, ambas as escolas o usaram.” (Pigliucci, s.d.; tradução minha)

<sup>13</sup> Explicitarei neste parágrafo os pilares do pensamento estoico. Esta definição não foi, naturalmente, aprofundada (porque tem de moldar-se à dimensão deste breve ensaio), mas é operativa. Na análise do texto de Teive, outros aspectos do estoicismo serão puxados à colação.

p. 42). Os seus escritos são testemunhos da luta que trava entre sensibilidade e razão, mas pretendem também representar o código de conduta racional por que quer reger-se: “Cheguei, por fim, a estes preceitos, para regra intelectual da vida.” (2018, p. 32)

No desfiar dos seus pensamentos, o fidalgo afirma ter abdicado do amor (“decidi abdicar do amor como de um problema insolúvel” – 2018, p. 24) e de outros sentimentos. No entanto, após ter reprimido o sentimento amoroso, lamenta mais tarde nunca o ter vivido (um caso de “retorno do recalcado”, para usurpar o termo a Freud): “Amado, ou querido, nunca fui. [...] tinha boas qualidades, tinha emoções fortes, tinha..., mas não tinha o que se chama amor.” (2018, p. 41-42). Por isso sente agudamente a morte da mãe: “O amor dela [da mãe], que nunca me fora claro enquanto vivia, tornou-se nítido quando a perdi.” (2018, p. 28)

Numa outra frente, o Barão de Teive convence-se de que repudiou o orgulho e a altivez que adviriam da presunção de classe. As questões sociais e os pergaminhos aristocráticos nada significam para quem desdenha as honrarias e os privilégios. Ainda assim, o fato de Álvaro Coelho de Athayde ser um aristocrata condiciona o modo como vê o mundo e assombra-o com preocupações (nada estoicas), como a sobrevivência da sua casa nobre, do seu nome e do seu título (2018, p. 22-23). Esta é a razão pela qual se inquieta por não deixar descendência que perpetue a sua linhagem.

Teive revela, noutro passo, a sua grande preocupação com o problema do mal no mundo (2018, p. 33-34). Um estoico cultiva e promove a virtude na sua esfera de ação, e as questões éticas assumem grande relevância na sua vida. Contudo, sabe também que o mal só o perturba se não tiver a couraça mental que o impeça de se atormentar com as ameaças que o rodeiam. Por outras palavras, se Teive aceitasse que o problema do mal não está no próprio mal, mas no efeito que permitimos que este tenha em nós, deixaria de o reconhecer como um problema da humanidade. Este seria o modo de um estoico lidar com a questão, mas não parece ser o que Álvaro de Athayde adota.

Nestes e noutros casos se conclui que Teive não conseguiu ser o “sábio” idealizado pelo estoicismo. Sobre a sageza estoica, Sellars (2006, p. 53) afirma: “Se a filosofia é uma arte de viver dedicada a transformar o modo de vida de alguém, então o objetivo final dessa arte é transformar a vida dessa pessoa na existência de um sábio.” Neste estágio superior da transformação do indivíduo, a que se chega pelo processo de educação, o sábio atingiria a imperturbabilidade “perfeita”, pois conduziria a sua vida pela razão e seria imune às emoções.<sup>14</sup> Ora, Teive revela-se, no seu testemunho atormentado, muito distante da figura do sábio. Na verdade, por falta de coragem, renunciou à própria perfeição porque temeu não a alcançar ou porque sabia que não a alcançaria.<sup>15</sup> Em parte, é a “tibieza da [sua] vontade” (Pessoa, 2018, p. 48) a responsável por este malogro.

Eis que a máscara lhe cai, Teive olha-se ao espelho, confronta-se consigo e reconhece o naufrágio do seu projeto pessoal:

<sup>14</sup> “[Os filósofos do estoicismo] reuniram estas doutrinas à imagem do sábio estoico ideal, que seria perfeitamente racional, não teria emoções, seria indiferente às circunstâncias da sua existência e seria, infamemente, feliz, mesmo quando fosse submetido à tortura.” (Sellars, 2006, p. 20; tradução minha)

<sup>15</sup> “*Toda a minha vida tem sido uma batalha perdida no mapa; a cobardia nem sequer foi no campo, onde talvez a não houvesse, mas no gabinete do chefe do Estado Maior, e de ele a sós com a sua convicção da derrota. Não se ousou o plano porque haveria de ser imperfeito; não se ousou torná-lo perfeito, ainda que não pudesse realmente sê-lo, porque a convicção de que não seria perfeito quebrou a vontade com que ele, ainda que imperfeito, sempre se poderia tentar. Nem me ocorreu nunca que o plano, embora imperfeito, poderia ser mais perfeito que o do inimigo. É que o meu vero inimigo, vitorioso contra mim desde Deus, era aquela mesma ideia de perfeição, que me saía à frente antes que todas as hostes do mundo, na vanguarda trágica de todos os comandos do mundo.*” (Pessoa, 2018, p. 36; grifo meu)

Nunca pude convencer-me de que podia, ou de que alguém seguramente poderia, dar alívio certo ou profundo, e muito menos cura, aos males humanos. Mas nunca, também, pude tirar deles o pensamento; a mais pequena angústia humana – mais, a mais leve imaginação dela – sempre me angustiou, me transtornou, me tirou do poder de me concentrar e de me dar a mim. O *convencimento da futilidade de toda a terapêutica para a alma deveria, por certo, erguer-me a um píncaro de indiferença, entre o qual e as agitações da terra velassem tudo as nuvens daquele mesmo convencimento. O pensamento, porém, poderoso como é, nada pode contra a rebeldia da emoção. Não podemos não sentir, como podemos não andar.* Assim assisto, e assisti sempre, desde que me lembro de sentir com as emoções mais nobres, à dor, à injustiça e à miséria que há no mundo do mesmo modo que assistiria um paralisado ao afogamento de um homem que ninguém ainda que válido, poderia salvar. [...] O *pensamento, que em outros é uma bússola da ação, é para mim um microscópio dela*, que me faz ver universos a atravessar onde um passo bastara para transpor [...]. E o sentimento, que em outros se introduz na vontade como a mão na luva, ou a mão nos copos da espada, foi sempre em mim uma outra maneira de pensar – fútil como uma raiva com que trememos até nos não podermos mexer, espécie de pânico da exaltação que, como o pânico, deixa colado ao chão o medroso a quem o mesmo medo deveria fazer fugir. (Pessoa, 2018, p. 34-36, grifo meu)

Teive sugere, nesta longa reflexão, que o projeto estoico colide, de algum modo, com o mais íntimo e genuíno da natureza humana: não só não é humano assumir uma imperturbabilidade radical (uma imunidade racional) em relação aos sentimentos, às “paixões” e aos prazeres, como vai contra a nossa natureza impormo-nos uma disciplina rígida que nos impede de sofrer (*apatia*).<sup>16</sup> Se uma das divisas do estoicismo é “viver de acordo com a natureza”,<sup>17</sup> segundo a perspectiva de Álvaro Coelho de Athayde, o regime racional inflexível desta doutrina violenta a essência da natureza humana. Deste modo, o próprio programa do estoicismo naufraga, porque os seus princípios colapsam face à condição do Homem e à realidade do quotidiano.

Teive reconhece que não conseguiu viver de acordo com os ensinamentos dos seus mestres, quando escreve: “Toda a minha vida tem sido uma batalha perdida no mapa; a cobardia nem sequer foi no campo, onde talvez a não houvesse, mas no gabinete do chefe do Estado Maior, e de ele a sós com a sua convicção da derrota.” (Pessoa, 2018, p. 36). A terapêutica, que procurou seguir de modo a moldar a sua personalidade e a limar as imperfeições, fracassou. A preparação para o desprendimento e para a renúncia, que constituem a educação de um estoico, não foi bem sucedida, apesar da aparente determinação inicial e do esforço envolvido:

Reparei então que tantos anos de cansaço estéril haviam transportado até ao íntimo da minha alma um cansaço estéril e profundo. Eu adormecera, e comigo haviam adormecido todos os privilégios da minha alma – os desejos que sonham alto, as emoções que sonham forte, as angústias que sonham ao invés. (2018, p. 44)

<sup>16</sup> Na minha perspetiva, a própria recusa da anestesia na operação da amputação da perna pretende demonstrar como esta doutrina pode ir contra a natureza humana.

<sup>17</sup> “A vida natural dos animais racionais assenta na ideia de viver de acordo com a razão; mas é-nos dito que a vida natural dos animais é governada pelo impulso. [...] Mas observemos primeiro um fato importante para a compreensão da relação entre a natureza humana e a animal. Cada qual tem o seu modo de viver de acordo com a Natureza. Nos animais, o impulso é o poder mais elevado da alma (juntamente com a aparência física) e viver naturalmente é viver de acordo com essa realidade. O mesmo sucede com os homens; tendo em conta que a razão é o seu poder mais elevado, é pela razão que estes devem viver se quiserem conduzir a sua vida de acordo com a natureza.” (Inwood, 1999, p. 195; tradução minha)



Com este malogro, a existência de Teive perde a razão de ser.

Chegados a este ponto, devemos questionar-nos sobre os verdadeiros motivos que levaram Teive ao suicídio. O fidalgo sugere que decide pôr fim à existência porque esta era a atitude digna de um estoico. Alguns estoicos aceitaram a ideia de suicídio como um ato racional lógico, na medida em que deve ser o indivíduo a decidir quando a sua vida deve terminar e o modo como deve terminar. Como Sellars observa:

O suicídio pode muito bem ser o fim para um indivíduo enquanto animal, mas pode ser o ato mais apropriado do indivíduo enquanto ser racional. Em algumas circunstâncias, o suicídio pode ser a única ação racional. Os estoicos romanos, em particular, tornaram-se famosos pela sua adesão a esta doutrina, sendo o mais famoso de todos Catão. (Sellars, 2006, p. 124; tradução minha)

Porém, ao contrário do que afirma, Teive não se suicida porque se tornou um ser plenamente racional, mas porque atingiu “a plenitude do uso da razão” (Pessoa, 2018, p. 54),<sup>18</sup> ou seja, ganhou a consciência clara, que lhe permitiu concluir que o seu projeto de vida falhou, fato que lhe trouxe uma angústia profunda, semelhante à de outros heterônimos pessoanos, como Campos ou Bernardo Soares. Não se trata, portanto, de escolher uma saída estoica do mundo, o fim que se decide escolher, o modo como se encerra a existência e a hora em que se faz. O suicídio de Teive é antes o ato de quem não encontrou solução para os seus males, não consegue mais suportar o peso da existência e, em desespero, põe fim à sua própria vida:

Atingi à saciedade do nada, à plenitude de coisa nenhuma. O que me levará ao suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo. Tenho um sono íntimo de todas as intenções.

Nada pode já transformar a minha vida. Se... se... Sim, mas se é sempre uma coisa que não aconteceu; e, se não aconteceu, para quê supor o que seria se ela fosse? (2018, p. 19)

## Será possível ser estoico na Era Moderna?

O Barão de Teive, que Pessoa fez nascer no final do século XIX e morrer já no século XX, em 1920, pretende cumprir, na Modernidade, o programa estoico, nos termos em que os Antigos o conceberam. É certo que o pensamento do estoicismo greco-romano influenciou autores da Idade Média e, mais tarde, da Era Moderna.<sup>19</sup> Os textos dos filósofos desta escola antiga marcaram as ideias de Espinosa, de Leibniz, de Kant, mas também de Hegel e de Nietzsche. Já na contemporaneidade, é possível encontrar essa influência no pensamento de Foucault, de Deleuze ou de Sartre. No entanto, nenhum destes autores inscreveu o seu trabalho na linhagem do estoicismo clássico nem pretendeu viver estoicamente a sua vida. Qualquer um deles recebeu as doutrinas de Epiteto, de Marco Aurélio e dos seus pares, e incorporou-as nas suas teorias. Já outros pensadores modernos reagiram a essas doutrinas e rebateram-nas.

<sup>18</sup> “Atingi, creio, a plenitude do uso da razão. E é por isso que me vou matar.” (Pessoa, 2018, p. 54)

<sup>19</sup> Ver Pigliucci, s.d., e Sellars, 2006, p. 149-170.

Não foi o que sucedeu com Teive, que pretendeu cumprir fielmente os ditames do estoicismo greco-romano já no século XX. E essa foi uma das razões para o fracasso da sua empresa – a outra decorre do próprio caráter do fidalgo. Vejamos. Em primeiro lugar, Teive não viveu na época Antiga e não partilhou a cosmovisão e as crenças do Homem dessa era. As referências que faz ao destino são metafóricas, e não literais.<sup>20</sup> Teive não é um pagão (nem um neopagão) que acredita que há uma força superior que governa as nossas vidas e que denominamos Destino ou Fado. De igual modo, não concebe a existência de deuses nem a ideia de que estes povoam o planeta e o universo. Daqui decorre que Teive nem crê na existência de uma dimensão transcendental e metafísica, pois o fidalgo é ateu:<sup>21</sup> “Pertencço a uma geração – supondo que essa geração seja mais pessoas que eu – que perdeu por igual a fé nos deuses das religiões antigas e a fé nos deuses das irreligiões modernas. [...] Não creio na Virgem Maria nem na eletricidade.” (2018, p. 27) Efetivamente, Athayde não partilha o quadro mental, as crenças e a concepção de mundo do Homem da Antiguidade, que viu o estoicismo nascer e crescer. Ora, era nesse contexto histórico que esta filosofia se revelava pertinente para quem a pretendesse tomar à letra e levar à prática da vida quotidiana.

Em segundo lugar, revela-se muito difícil um indivíduo do início do século XX cumprir os ditames da doutrina estoica (como definidos na Antiguidade), tendo em conta que o Homem moderno tem uma vivência marcada por experiências do mundo novo da cidade moderna, da máquina e do modo de vida burguês e materialista. Essa experiência moderna condu-lo à instabilidade e à insegurança, mas também a um cansaço existencial e a um vazio interior (ao tédio, à abulia, etc.), que decorrem da decadência da Civilização. E esta foi uma das causas do naufrágio do projeto estoico deste heterônimo pessoano, como foi uma das causas da encruzilhada existencial de outros autores literários que Pessoa criou. Mais ainda, Teive não consegue ser estoico num mundo que o formou com valores, doutrinas e ideias do seu tempo. O fidalgo é herdeiro da concepção de Homem do Romantismo e do pensamento pós-Romântico, se não foi mesmo leitor de Darwin, Schopenhauer, Nietzsche e dos primeiros estudos de Freud, pensadores que trouxeram instabilidade à noção de sujeito e à relação entre este e o seu mundo.

A partir do texto “*Three pessimists*”, sabemos que Teive leu os autores românticos Leopardi e Vigny, bem como o tardorromântico Antero. Numa atitude genuinamente estoica, critica estes três pensadores por se lamentarem pelo curso que as suas vidas tomaram em lugar de terem a força para não se deixarem abalar pela desgraça. Como Teive escreve: “O homem moderno, se é infeliz, é pessimista.” (2008, p. 31).

Faço um ponto de situação desta secção do presente texto: o projeto pessoal de Teive naufraga também porque as circunstâncias do seu tempo e do seu mundo não permitem que o fidalgo seja um estoico, no sentido pleno do termo. Diferente atitude terá tido Ricardo Reis, que, como neopagão, procurou harmonizar as ideias do paganismo clássico, do estoicismo e do epicurismo, com o modo de vida e a concepção do mundo moderno. A fazer fé nas palavras de Teive, o fidalgo não pretendeu aclimatar o estoicismo clássico à sua época e à sua vida. Pretendeu vivê-lo na sua essência e nas ideias que tinham sido cunhadas havia mais de dois mil anos. Este fosso entre os ditames do estoicismo original e as vivências de um indivíduo do início do século XX revelou-se intransponível.

<sup>20</sup> “Antigamente, a perda dos meus manuscritos, de toda a obra fragmentária, mas cuidada da minha vida, reduzir-me-ia à loucura; já agora a contemplava como um incidente casual *do meu destino*, não como um golpe mortal que aniquilasse, por lhe aniquilar as manifestações, a minha própria personalidade.” (Pessoa, 2018, p. 43-44; grifo meu)

<sup>21</sup> “Cristo e o progresso são para mim mitos do mesmo mundo” (2018, p. 27).

## Considerações finais

Creio ter demonstrado que se manifesta em *A Educação do Estoico* uma tensão entre a vontade de Teive de guiar a sua vida por princípios do estoicismo e a incapacidade de concretizar os seus planos, tendo em conta as antinomias que se estabelecem entre razão e sentimento, sucesso e fracasso, teoria e realidade, entre outras. Os escritos que deixou testemunham esta luta interior, que resulta num combate perdido. Apesar de a obra pretender mostrar ao leitor o percurso de formação de um estoico, acaba por revelar o fracasso de um projeto pessoal, que termina na perda de um sentido para a existência e no suicídio.

À luz do teatro heteronímico pessoano, podemos avançar outra linha de interpretação do percurso do Barão de Teive. Terá este seguido uma trajetória semelhante à de Álvaro de Campos, que foi do decadentismo à exaltação (futurista) para terminar na angústia existencial? Se assim foi, Teive teria sido, inicialmente, um homem minado pelo cansaço de existir e pelo espírito da decadência, que procurou no estoicismo uma solução para as inquietações que sobre ele se abatiam – de modo análogo ao que Campos teria feito quando procurou no furor da vida moderna uma solução para o cansaço da alma que o assolava. Como não foi lhe possível cumprir o programa estoico, na teoria e na vida quotidiana, o fidalgo volta, num terceiro momento, a cair numa desolação profunda e incurável que, neste caso, o conduziu ao suicídio. Esta é uma leitura que o universo pessoano nos autoriza a fazer, mas serve apenas de epítome de um fenómeno mais complexo.

## Referências

AURELIUS, Marcus. **The Apology of Tertulian and The Meditations of the Emperor Marcus Aurelius Antonius**. Londres: Griffith, Farran and Co., 1894 [161-180 d.C.] (cota na biblioteca particular de Fernando Pessoa: 0038824).

AURELIUS, Marcus. **The Thoughts of Marcus Aurelius...** His Life and an Essay on his Philosophy... together with Cicero's Essay on Friendship, trad: George Long. Londres: Cassell and Company, 1908 [161-180 d.C.] (cota na biblioteca particular de Fernando Pessoa: 0038665).

BALTZLY, Dirk. Stoicism. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/stoicism/>. Acesso em 3 de junho de 2024.

FREITAS, Filipa. Barão de Teive: o Suicida Lúcido. **Pessoa Plural**, Lisboa, n. 5, 2014, p. 43-69. Disponível em: [https://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/pessoaplural/Issue5/PDF/I5A03.pdf](https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue5/PDF/I5A03.pdf). Acesso em 2 de junho de 2024.

INWOOD, Brad. **Ethics and Human Action in Early Stoicism**. Oxford: Clarendon Press, 1999.

INWOOD, Brad. **Stoicism**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2018.

MANNLEIN-ROBERT, Irmgard. The Meditations as a (Philosophical) Autobiography. In: ACKEREN, Marcel van. (Ed.). **A Companion to Marcus Aurelius**. Chichester; Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 362-376.

MEDEIROS, Ana Clara M. de; SILVA JÚNIOR, Augusto R. da. Quando um Heterônimo se suicida: Tanatografia e Alteridade na Educação do Estoico, Barão de Teive. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 23, p. 47-64, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i23p47-64>. Acesso em: 6 de junho de 2024.

MARTINS, Patrícia Soares. A Arena Pagã do Barão de Teive. In: PIMENTEL, Cristina e MORÃO, Paula. (Coords.). **A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura**: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa. Lisboa: Campo da Comunicação, 2017. p. 207-219.

MOISÉS, Massaud. Fernando Pessoa e a educação do estoico. In: MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa**: o espelho e a esfinge. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 190-197.

PESSOA, Fernando. **Textos de Crítica e de Intervenção**. Lisboa: Ática, 1980.

PESSOA, Fernando. **A Educação do Stoico**. Ed. de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

PESSOA, Fernando. **A Educação do Estoico**. Ed. de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.

PIGLIUCCI, Massimo. Stoicism. In: **The Internet Encyclopedia of Philosophy**, s.d. Disponível em <https://iep.utm.edu/stoicism/>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

PIZARRO, Jerónimo. Introdução. In: PESSOA, Fernando. **A Educação do Stoico**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007. p. 9-15.

QUADROS, Aurora Cardoso. O estoico e a morte. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 41, n. 66, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/17973/1125614401>. Acesso em 6 de junho de 2024.

RUBIM, Gustavo. O “heterônimo” kitsch (sobre a vida do Barão de Teive). **Estranhar Pessoa**, n.º 8, p. 105-120, out. 2021. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/619e425a79fe5e01c5406e98/1637761626809/Rubim\\_O+heteronimo+kitsch\\_EP\\_n8.pdf](https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/619e425a79fe5e01c5406e98/1637761626809/Rubim_O+heteronimo+kitsch_EP_n8.pdf). Acesso em 8 de junho de 2024.

SELLARS, John. **Stoicism**. London; New York: Routledge, 2006.

ZENITH, Richard. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. **A Educação do Estoico**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018. p. 7-14.

ZENITH, Richard. **Pessoa**: a Biography. New York: Liveright, 2021.